

RESENHA

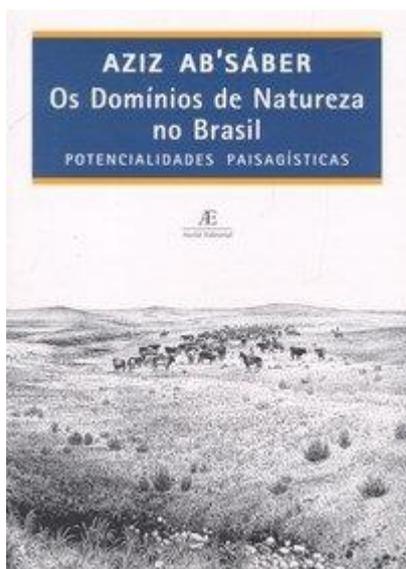
AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Ana Karla Moura de Lima

Graduanda em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).
karlaifpa2@gmail.com

Daniel Sombra

Professor de Geografia da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Geógrafo do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará – NUMA/UFPA e Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
daniel.soares@uepa.br



A obra em questão, publicada em 2003, encontra-se organizada em nove capítulos que discutem fatores de padrão morfoclimáticos, pedológicos, hidrológicos e ecológicos de distribuição e organização dos domínios paisagísticos brasileiros. O autor objetiva oferecer uma compreensão sobre os domínios morfoclimáticos brasileiros, em termos de um quadro sintético de paisagens homogêneas, sem ignorar as particularidades existentes em cada domínio. Situa-se dentro do espectro da teoria dos domínios, formulada pelo autor ao longo de obras anteriores, sem ignorar a teoria dos refúgios, que traz um quadro de particularidades que são generalizadas nos domínios, mas necessárias para a consideração do que o autor nomeia de potencialidades paisagísticas.

A concepção da paisagem como um conjunto de heranças de processos é basilar nesta obra. Destarte, a paisagem constitui uma herança de processos fisionômicos e biológicos, constituindo um patrimônio coletivo das sociedades que a apropriaram territorialmente. Para o autor, a compreensão dos principais processos modeladores da paisagem perpassa pela ponderação acerca da geologia e das mudanças no clima global. O Quaternário foi o período-chave da formação das principais paisagens brasileiras.

No primeiro capítulo, “Potencialidades Paisagísticas Brasileiras”, se discute a paisagem e suas características diversas como sendo heranças de processos antigos de

remodelação e compartimentação dos solos. São heranças das nações responsáveis pela utilização não predatória desses espaços de origem natural. Para o autor, as pesquisas europeias desenvolvidas em tais espaços não foram capazes de detalhar as variações paisagísticas de território intertropical e subtropical brasileiro, o que impossibilitou pesquisas mais consistentes até o momento da criação de universidades brasileiras, as quais, por sua vez, desenvolveram pesquisas objetivas e peculiares aos domínios presentes no Brasil.

Seis são os domínios paisagísticos e macroecológicos brasileiros: *a)* Domínio das terras baixas florestadas da Amazônia; *b)* Domínio das depressões interplanálticas semiáridas do Nordeste; *c)* Domínio dos “Mares de morros” florestados; *d)* Domínio dos chapadões centrais recobertos de cerrados e penetrados por florestas-galerias; *e)* Domínio dos planaltos de araucárias; *e, f)* Domínio das pradarias mistas do Rio Grande do Sul. Por conseguinte, as principais características de cada domínio, com relação aos elementos morfoclimáticos e fitogeográficos são apresentadas, criando contrastes complexos responsáveis por compor um arranjo espacial paisagístico. O autor ressalta a introdução do modelo econômico de agricultura para exportação (agronegócio) e suas implicações nos ecossistemas, responsável pelo desmatamento, uso e apropriação inadequada do solo, e outras ações que alteram a biota e qualidade de vida humana.

No segundo capítulo, intitulado “‘Mares de morros’, Cerrados e Caatingas: Geomorfologia Comparada”, o autor aborda características semelhantes entre os domínios e as principais províncias fitogeográficas das terras intertropicais do Planalto Brasileiro, sendo elas: *a)* Domínios das regiões serranas, de morros mamelonares do Sudeste do Brasil (área de climas tropicais e subtropicais – úmidos – zona da mata atlântica sul-oriental; *b)* Domínio das depressões intermontanas e interplanálticas do Nordeste semiárido (área subequatorial e tropical semiárida – Zona das Caatingas); *e, c)* Domínio dos Chapadões tropicais do Brasil central (área tropical subsequente de regime pluviométrico restrito a duas estações – zonas dos cerrados e de floresta – galeria. Os domínios citados compõem um mosaico em que os atributos se sobrepõem, se diferenciam ou se misturam, fornecendo as características fundamentais para o entendimento de subáreas de transição e das condições ecológicas que formam cada arranjo poligonal possuidor de áreas *core*.

No terceiro capítulo, “Nos vastos Espaços dos Cerrados”, o autor aborda inicialmente algumas implicações decorrentes das mudanças de organizações dos espaços, tendo nas atividades agrárias a materialização e formas de uso de solo que modificaram a estrutura deste. Destaca a composição dos Cerrados (principalmente na Região Centro-

Oeste do Brasil) que passaram por um processo de modernização dos meios de transporte e circulação, portanto, impondo pressão no que se refere à topografia e à composição do solo, com os cerradões, que segundo o autor “parecem ter-se desenvolvido por processos naturais de adensamento de velhos stocks florísticos de cerrados quaternários e terciários” (p. 8), ou seja, possuem ecossistemas semelhantes ao dos cerrados. O autor analisa do ponto de vista geomorfológico e geológico, a gênese das condições e modificações na paisagem do domínio dos Cerrados e Cerradões, onde predominam interflúvios vertentes suaves dos diferentes tipos de planaltos. A combinação desses elementos de caráter físico, ecológico e biótico expressa relativa homogeneidade desse conjunto paisagístico.

No quarto capítulo, “Domínio Tropical Atlântico”, o autor inicia categorizando-o em segundo grande complexo de florestas tropicais, o território intertropical e subtropical brasileiro, em que as florestas atlânticas abrangiam aproximadamente um milhão de quilômetros quadrados. Esse domínio possui setores preservados com vistas a uma proteção integrada das biodiversidades. O contínuo florestal apresenta dois grandes enclaves, no que tange à análise dos aspectos de composição dos solos e elementos climáticos e geomorfológicos para a preservação e proteção integrada da biodiversidade expressa na obra. O autor destaca o espaço total ocupado pelas matas atlânticas, aproximadamente um milhão de quilômetros, tendo a sua vegetação origem entre o Pleistoceno superior e o Holoceno. Apresenta ainda contrastes topográficos e geológicos desse domínio, sendo caracterizado por compartimentações topográficas.

No quinto capítulo, “Amazônia Brasileira: um macrodomínio”, o autor afirma que este domínio se destaca pela grandeza da malha hidrográfica e pequenas variações de seus ecossistemas regionais de altitude, além da fortíssima entrada de energia solar e massa de ar úmido. A Amazônia brasileira é dominada por chuvas de verão austral (de janeiro a março) ao sul, enquanto ao norte ocorrem precipitações maiores durante o verão boreal (de maio a julho). Mesmo se deparando com aspectos diferenciados em diferentes porções do domínio amazônico, para o autor, ele continua sendo um dos mais homogêneos e de ritmo anual habitual mais constante de todo Brasil intertropical.

A exuberância hidrográfica Amazônica é resultado da pluviosidade que atinge a gigantesca depressão topográfica que se apresentam entre 30 e 120 metros de profundidade. Os rios se contrastam entre águas pretas ou brancas, e foram fundamentais para a ocupação ameríndia. Destaca ainda um plano propositivo de zoneamento ecológico, de demanda reflexiva orientada para o entendimento integrado do complexo natural da

região, incluindo o conhecimento da origem de seus contrastes internos, para preservação dos recursos naturais que compõem a exuberante paisagem da região.

No sexto capítulo, “Caatingas: os domínios dos Sertões Secos”, Ab’Sáber apresenta-o como um domínio marcante no contexto climático, hidrológico e ecológico, compreendido em um espaço de 720 mil quilômetros quadrados, com 23 milhões de habitantes que ocupam os territórios dos sertões secos, de clima quente, chuvas escassas, periódicas e irregulares. Esse domínio possui precipitações médias anuais 268 e 800 mm no Nordeste seco. O autor apresenta comparações nos índices pluviométricos do semiárido nordestino, dos Cerrados, da Zona da Mata e da Amazônia, pontuando as principais características de cada um, bem como o que os diferenciam.

Um dos fatores responsáveis pela paisagem desértica dos sertões é a estrutura geológico-litológica em certas áreas, os chamados “altos pelados”, constituídos de colinas desnudas, fragmentos de quartzo e a presença de uma rocha metamórfica argilosa (filitos), que apresenta-se pela extensão da estrutura topográfica. Do ponto de vista historiográfico, grandes feiras se formaram com o desenvolvimento de uma das principais capitais regionais do Nordeste seco. A construção de hidrelétricas no entorno deste domínio, de iniciativa estatal, também foi uma estrutura responsável pelo desenvolvimento da economia e da sociedade nordestina.

No sétimo capítulo, “Planaltos de Araucárias e Pradarias Mistas”, o autor afirma que este domínio possui como principal característica as temperaturas médias do Brasil Meridional. A vegetação é constituída por araucárias, pinhais altos e esguios são originais da biodiversidade dominante. O autor aborda os principais tipos de planaltos do ponto de vista geomorfológico, apresenta esquemas de classificação e organização do solo em todo extenso território. Estudos paleoclimáticos foram fundamentais para análise de caracterização paisagístico deste domínio. Acerca da análise da geologia do Brasil Meridional, os estudos do Arco de Ponta Grossa e o Arco Uruguaio-Sul-Rio-Grandense estruturaram e sediaram a conjuntura estrutural da formação das tectônicas, posteriormente, da formação dos planaltos determinantes nessa região.

No oitavo capítulo, “O Domínio dos Cerrados”, o autor afirma que este caracteriza-se pelas modificações no seu ecossistema causado, sobretudo, pela construção de Brasília, as redes urbanas e suburbanas que o compõem. Analisa a geomorfologia, a gênese e os espaços geológicos de estruturação desenvolvidos no Brasil Central. Destaca o domínio dos Chapadões, com 1,7 a 1,9 milhão de quilômetros quadrados, e, logo depois, analisa a cobertura dos Cerrados, florestas galerias, que conjuntamente aos cerrados

centrais brasileiros compõem um mosaico paisagístico semelhante ao da África, diferenciando-se pelas variações florísticas.

O domínio dos Cerrados possui planaltos de superfícies aplainadas de cinzeira, planaltos sedimentares compartimentados, que se situam em níveis que variam entre 300 e 1700 metros de altitude. Possui drenagens de cursos d'água de origem perenes e interflúvios de fluxos d'água para canais de escoamento de pequenas sub-bacias. A paisagem vegetal dos Cerrados-Cerradões campestres, de diversas formas assumem a flexibilidade e poder de sobrevivência em solos pobres dos cerrados. Os aspectos físicos, ecológicos e bióticos deste domínio entregam a homogeneidade de análise, por conseguinte, uma proposta de gerenciamento do meio ambiente é discutida no decorrer da obra com o objetivo de preservação do espaço/recurso natural da região.

No nono capítulo, “Domínios de Natureza e Famílias de Ecossistemas”, Ab’Sáber pontua a confusão de alguns pesquisadores ao conceituar os domínios de natureza do território brasileiro. Diante disso, tece diferenciações e características que assemelham nos seguintes arranjos paisagísticos: *a*) o domínio dos cerrados (cerrados, cerradões e campestres); *b*) o polígono das secas (domínio das caatingas); *c*) os domínios florestais do país (o Atlântico e o Amazônico); *d*) o Planalto das Araucárias; *e*, *e*) a Campanha Gaúcha de Sudoeste. Todos esses domínios de natureza intertropical ou subtropical possuem características predominantes de cada um, bem como enclaves que compõem o sistema ecológico de faixas de transição.

Finalmente, o autor pontua que, em 1935, o cientista Arthur Tansley conceituou o termo ecossistema como um “sistema ecológico de um lugar, envolvendo fatores abióticos e fatos bióticos do local” (p. 137-138). Este termo foi rapidamente propagado pelo mundo, uma vez que este se referia a uma abordagem complexa e de cunho epistemológica. No entanto, na pesquisa sistematizada do sistema ecológico, Tansley se utilizava de uma tríplice abordagem, em que consistia em entender os componentes do suporte ecológico (rocha/solo), a biota estabelecida através dos processos genéticos e as condições climáticas. Com base nisso, o autor discorre comentários acerca dos processos Teoria dos redutos e refúgios, e posteriormente, sobre a evolução do conceito dos espaços ecológicos, tendo em George Bertrand, em 1968, o termo geossistema mais bem aceito, sendo o mais complexo e completo em nível de estudo do ecossistema, ao qual a obra se propõe dialogar a partir da empiria disponível em território brasileiro.

A obra “Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas” possui um grande suporte teórico-conceitual que propõe e apresenta uma abordagem minuciosa

dos aspectos físicos do ecossistema brasileiro, a partir de análises da geomorfologia, da geologia, da pedologia, da hidrologia, entre outros níveis de riqueza de análise que a obra proporciona. Assim, é possível que aos domínios dos cerrados, caatingas, grandes domínios florestais e planaltos das araucárias, sejam estudados de forma concisa e objetiva, partindo de estudos gerais aos particulares, assim mostrar a peculiaridade de cada domínio, e o exuberante mosaico que se forma ao se analisar, de forma generalizada, o ecossistema territorial como um todo arranjo paisagístico. A obra, por fim, constitui leitura obrigatória para os pesquisadores e estudiosos da Geografia, sendo relevante para os interessados em Biologia, Geociências, Ciências Ambientais e Ciências Agrárias.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Recebido para avaliação em 04/01/2018
Aceito para publicação em 08/04/2018